

Paulo Freire e suas propostas



A Folha de São Paulo encaminhou ao secretário da Educação municipal, em 15/08/89, 11 perguntas que faziam parte de uma entrevista, feita por escrito. Como o citado jornal não publicou na íntegra a entrevista, achamos oportuno reproduzir neste jornal.

Os professores das universidades desenvolveram, também durante o primeiro semestre, importantes seminários. Citando o tema de alguns deles: Linguagem, Educação e Formação de Professores; Arte, Educação e Formação de Professores; Interdisciplinaridade e Educação; A dimensão ética no processo de reorientação curricular. Estes Seminários foram registrados e serão cuidadosamente analisados, uma vez que auxiliam na construção da tela crítica necessária que auxiliará o trabalho de mudança da escola. Para que este trabalho prossiga e se amplie, a Secretaria Municipal de Educação já assinou um acordo específico com a USP no último dia 8 e proximamente assinará, também, termos de cooperação técnica no mesmo teor daquele firmado com a USP, com a PUC-SP e UNICAMP.

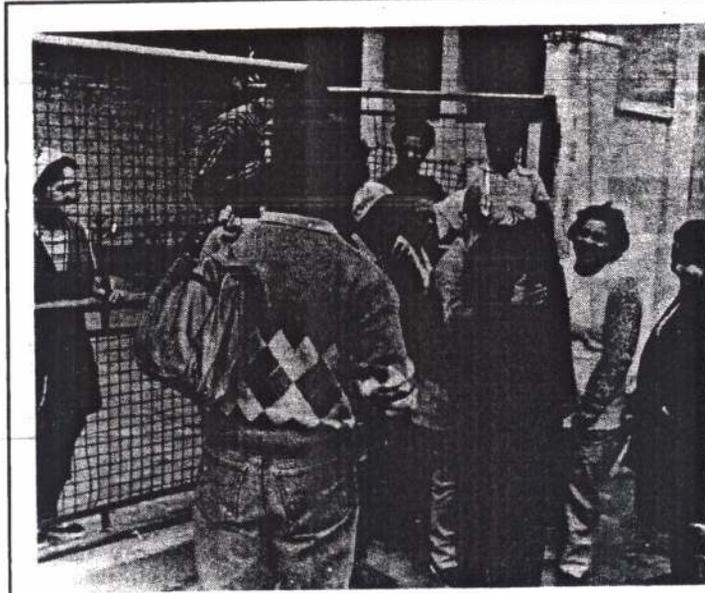
5. O Sr. sempre priorizou a "relação dialógica" no ensino, que é a incorporação da visão de mundo do aluno, como parte do processo educativo. Como a participação do aluno foi concretizada?

R — A priorização da "relação dialógica" no ensino, que permite o respeito à cultura do aluno, à valorização do conhecimento que o educando traz, enfim, um trabalho a partir da visão do mundo do educando, é sem dúvida um dos eixos fundamentais sobre o qual deve se apoiar a prática pedagógica de professoras e professores. Esta proposta é muito séria e muito profunda, porque a participação do aluno não deve ser entendida de forma simplista. O que proponho é um trabalho

pedagógico que, a partir do conhecimento que o aluno traz, que é uma expressão da classe social à qual os educandos pertencem, haja uma superação do mesmo, não no sentido de anular este conhecimento ou de sobrepor um conhecimento a outro. O que se propõe é que o conhecimento com o qual se trabalha na escola seja relevante e significativo para a formação do educando.

Isto não deve e não pode ser feito através do depositar informações para os alunos. Por isto, repudio a "pedagogia bancária" e proponho e defendo uma pedagogia crítico-dialógica, uma pedagogia da pergunta. A escola pública que desejo é a escola onde tem lugar de destaque a apreensão crítica do conhecimento significativo através da relação dialógica. É a escola que estimula o aluno a perguntar, a criticar, a criar; onde se propõe a construção do conhecimento coletivo, articulando o saber popular e o saber crítico, científico, mediados pelas experiências no mundo.

Quero dizer que trabalhar desta forma não é a prática da escola brasileira, hoje. Por isto, é preciso um grande investimento na formação permanente dos educadores para que se possa reverter a situação existente e se conseguir um trabalho onde a relação dialógica aconteça de verdade, isto é, da forma como a compreendo. Tenho procurado discutir estes aspectos nas reuniões que tenho feito com as equipes que trabalham diretamente com os professores, bem como nas comunicações que tenho feito a respeito da política educacional desta Secretaria, nesta gestão.



Visita histórica

Em junho deste ano o Prof. Paulo Freire fez uma visita à região. Houve uma reunião no N.A.E. (Núcleo de Ação Educativa) e depois foi feita uma visita de cortesia à E.M.P.G. "Antônia e Artur Begbie". Neste dia foi recebido pela Diretora e visitou a sala de leitura. Na saída os funcionários fizeram questão de cumprimentar o secretário. Como foi um momento muito bonito, decidimos registrar o fato através da foto acima.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

Não há condições de dizer que esta proposta já foi concretizada, porém asseguro que as ações desta Secretaria estão e estarão voltadas para que esta perspectiva venha concretizando-se como uma característica fundamental da mudança da escola.

6. O Sr. disse, há alguns anos (dez/82), que a escola tem que refletir as necessidades e expectativas da população em relação à escola e que os professores são intérpretes destas expectativas. O que foi concretizado para que a população pudesse dizer o que quer da escola?

R — Continuo afirmando que a população tem necessidades e expectativas em relação à escola. As escolas e as equipes que trabalham nas diferentes instâncias da SEME precisam conhecer estas necessidades e expectativas e considerá-las no processo que deva levar à mudança da escola.

Dois ações principais têm sido desenvolvidas por esta Secretaria para que se possa conhecer o que a população quer da escola, bem como as críticas que tem em relação à mesma. Uma delas foi a instalação, em todas as escolas, dos Conselhos de Escola, com caráter deliberativo. Estes Conselhos devem ser atuantes e participar efetivamente das decisões e realizações da escola.

Outra ação é a realização de Plenárias Pedagógicas. Estas são grandes encontros que ocorrem aos sábados entre dirigentes de SME das mais diferentes instâncias e a comunidade. No 1º semestre ocorreram duas dessas plenárias; uma que reuniu populares da Zona Leste e outra, que discutiu com populares da área mais central da cidade. Além destes dois grandes encontros, registrados em vídeo, tenho aceito com prazer convites para discutir com comunidades diversas, por solicitação de escolas, dos Núcleos de Ação Educativa ou mesmo por iniciativa e organização da própria população.

7. Logo após a sua posse, o Sr. disse que não havia vagas suficientes nas Escolas Municipais, nem condições para construir escolas na medida do necessário. Teve, então a idéia de transformar espaços vazios em salas de aula (salões de igreja, por exemplo). Quantas vagas conseguiu com esta medida e quais os espaços conquistados? Qual a avaliação preliminar da experiência?

R — A necessidade de vagas para atender às crianças que estão fora da escola, em São Paulo, é tão grande que precisaríamos de 546 novos prédios para atendimento desta demanda.

Nesta gestão houve um aumento de 6.39% no conjunto geral de matrículas na rede em seus cursos regulares de Educação Infantil, 1ª e 2ª graus e Supletivo de 1ª e 2ª graus.

De um lado, houve um compromisso em uma ação efetiva desta Secretaria em ocupar as classes ociosas das escolas, principalmente aquelas do período noturno. Por outro lado, foram criadas 17 classes comunitárias de Educação Infantil que funcionam em equipamentos sociais diversos da sociedade civil, tais como: salões de sindicatos, igreja, sociedade de amigos de bairro. Quero destacar que esta Secretaria está assumindo, a partir deste mês, 960 classes de Educação de Adultos, o que significa o atendimento em equipamentos sociais outros que não os prédios escolares existentes. Aceito esta solução como transitória e a única viável, no momento, para a ampliação do atendimento. Assumo, porém, o compromisso com uma atenção à estas classes que terão todo o apoio administrativo e pedagógico, de modo a garantir um trabalho educativo de boa qualidade junto aos educandos. Desta forma, preliminarmente, considero a experiência positiva.

8. Em janeiro, o Sr. se reuniu com o Secretário Chopin Tavares de Lima e manifestou interesse em trabalhar em conjunto com a Secretaria Estadual de Educação. Qual foi o resultado concreto desta reunião?

R — Considero que o trabalho conjunto com a Secretaria de Educação do Estado é importante, pois tanto a Secretaria da Educação do Município como a do Estado são responsáveis pela educação das crianças, jovens e adultos de São Paulo e, neste sentido, é desejável que conjuguem esforços para responder mais adequadamente a este compromisso.

Em janeiro visitei o Secretário Chopin Tavares de Lima e, deste encontro, resultou um empréstimo de um conjunto de 3.600 carteiras do Estado para as escolas municipais, bem como a possibilidade de utilização de alguns prédios da rede do Estado que estavam com capacidade ociosa, para abrigar alguns alunos das escolas municipais que não puderam ocupar os prédios que foram interditados. No entanto, não foi concretizada, ainda, a construção de prédios escolares que o Estado deveria construir para o Município em troca de terrenos que a Prefeitura já havia repassado ao Estado. Continuarei fazendo gestões junto à Secretaria de Educação do Estado no sentido do cumprimento dos compromissos já estabelecidos, bem como de uma ação conjun-

ta a favor especialmente dos alunos que pertencem às classes populares desta cidade.

9. O Sr. considera que conseguiu recuperar os salários dos professores e funcionários da Secretaria Municipal de Ensino? Acha que eles estão satisfeitos?

R — Os salários tiveram crescimento real nos 4 primeiros meses da Administração (até abril/89). Isto representou 300% de aumento em relação ao piso salarial de dezembro/88. Não foi possível nos meses de maio a julho manter o mesmo ritmo dos aumentos, dado que a receita foi insuficiente, considerando o volume de obras necessárias para o reparo das escolas. Neste mês, no entanto, o piso salarial que será proposto aos professores será elevado de NCz\$ 337,00 para NCz\$ 701,26. Isto significa que, neste momento, São Paulo tem o maior piso nacional de salário para o magistério. De setembro em diante, o reajuste será feito mensalmente, de acordo com o índice do DIEESE. Sabemos que no Brasil, hoje, com exceção de uma pequena parcela da população, os trabalhadores como um todo têm salários insatisfatórios, corroídos pela inflação decorrente da política econômica do país que privilegia exclusivamente a classe dominante.

10. O que o Sr. acha que mudou na Secretaria Municipal de Educação, em relação à gestão anterior?

R — Considero que o que já mudou na Secretaria Municipal de Educação, em relação à gestão anterior, é sobretudo a perspectiva democrática que se imprime na política pedagógica desta gestão. O combate ao elitismo, ao autoritarismo, ao clientelismo são metas principais no horizonte desta Administração. No entanto, penso que melhor poderemos responder a esta questão os educadores e funcionários. Sugiro que pergunte, a eles.

11. Quais são os seus planos para os próximos seis meses? O que considera prioritário?

R — Para os próximos seis meses, tenho como metas: — Dar continuidade à administração por colegiados, procurando tornar realidade as idéias de representatividade e participação.

— Ampliar o trabalho da SME junto aos Núcleos Regionais de Planejamento, e intensificar as Plenárias Pedagógicas, possibilitando maior participação da população organizada nas decisões educacionais.

— Desencadear junto às escolas o trabalho de Reorientação Curricular, promovendo discussões organizadas de todos os educadores da rede já nos dias 21 e 22 de agosto.

— Ampliar a autonomia da escola possibilitando a descentralização do orçamento para as escolas, ampliando o adiantamento direto de verbas que possam ser gerenciadas pelas próprias escolas.

— Estimular a autonomia pedagógica das escolas, permitindo que as mesmas elaborem os seus planos de trabalho e apresentem projetos que venham a melhorar a qualidade da escola.

— Implantar em dez escolas, com garantia de expansão para todas as demais, até o final da gestão, um trabalho interdisciplinar com o apoio dos Núcleos de Ação Educativa das equipes da Diretoria de Orientação Técnica da SME e com a assessoria dos professores das universidades.

— Estabelecer escolhas de prioridades no atendimento à demanda e alocar recursos orçamentários, humanos e materiais necessários;

— Desenvolver os programas de formação permanente de pessoal, com múltiplas modalidades priorizando a formação permanente de alfabetização e de professoras de Educação Infantil e 5ª séries; oportunizar aos educadores da rede, em geral, a frequência a programas que atualizem a formação básica, porém balizados pelas diretrizes desta Secretaria.

— Promover concurso para operacionais e professores dos níveis I e II.

— Prosseguir as obras de construção de 8 escolas novas;

— Prosseguir a reforma de 39 escolas iniciadas no 1º semestre.

— Prover as escolas com os conjuntos de carteiras necessárias e demais materiais básicos para o trabalho escolar.

— Promover o desenvolvimento e o acompanhamento dos Conselhos de Escola e dos Grêmios Livres.

— Prosseguir com a participação em trabalhos intersecretariais, garantindo uma ação integrada das ações das diferentes secretarias.

— Preparar uma ação organizada visando deflagrar em 1990 o Projeto MOVA — S. Paulo que se constituirá em uma grande ação com o objetivo de diminuir significativamente o número de adultos analfabetos na cidade de São Paulo.

Em síntese, há muitos planos que, em consonância, estarão voltados para a mudança da escola e para a formação permanente dos educadores.

INSTITUTO PAULO FREIRE
Rua Cerro Corá, 550 2º andar cj. 22
Tel: (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589
05061-100 - São Paulo - SP - Brasil
E-mail: ipf@paulofreire.org

1. *O Sr. é um educador com larga produção bibliográfica na sua área; disse que teria, finalmente, a oportunidade de por em prática suas idéias. Acha que conseguiu? Quais as principais dificuldades? Quais foram as dificuldades impossíveis de transpor e por que?*

R — Assumir a Secretaria de Educação da cidade de São Paulo, ao lado do grande desafio e responsabilidade que isto representa, é para mim, sem dúvida, o momento de buscar por em prática um conjunto de propostas com que há muito venho sonhando, escrevendo e discutindo. Considero, no entanto, que as idéias que tenho apresentado e defendido, tanto em minhas obras, como em minha atuação como professor no Brasil e no exterior, são compartilhadas também por educadores progressistas que desejam uma escola pública democrática, responsável, séria.

Por isto tenho me referido à necessidade de mudar a "cara da escola" nesta Administração, porque tenho certeza de que esta escola que expulsa os alunos (e isto tem sido chamado de evasão escolar), que reproduz as marcas de autoritarismo deste país, nas relações dos educadores com os alunos, que tem bloqueado a entrada dos pais e da comunidade na escola não tem uma "cara" de que se possa gostar e manter.

No entanto, é preciso que se compreenda que a mudança da "cara" da escola não se pode fazer de um dia para o outro ou tão depressa como eu desejaria que fosse. Isto porque a minha opção de como fazer a mudança da escola implica ouvir todos os que fazem a escola (pais, educadores, alunos, funcionários), bem como a comunidade em que esta se situa e os especialistas nas diferentes áreas de conhecimento.

É isto não é um simples e exclusivo trabalho técnico ou administrativo. Considero que, desde os primeiros momentos de minha gestão, iniciei com a minha equipe de trabalho uma grande ação para que isto possa ocorrer. Esta não é, porém, uma conquista que se possa completar em seis meses de administração.

As maiores dificuldades, para avançar no rumo da melhoria do trabalho pedagógico da escola, nestes primeiros meses, estiveram no fato de que tive que concentrar mais esforços do que aqueles que normalmente seriam necessários para equacionar os reparos de uma rede física totalmente sucateada, com um orçamento extremamente exíguo deixado pela administração anterior.

Da precariedade geral em que se encontravam as escolas, 49 unidades estavam em condições tão graves que tiveram que ser parcialmente fechadas para reforma, para não por em risco a vida de estudantes, professores e funcionários. Encontrei ainda, na rede, um déficit de 30.000 carteiras, o que fazia com que os meninos e as meninas tivessem que assistir às aulas em pé ou sentados no chão. Isto é incrível quando se pensa que estamos na cidade de São Paulo e revela, sobretudo, um desrespeito das administrações anteriores pela educação e pela coisa pública. Acrescento ainda um obstáculo que se localiza no emperramento da própria máquina administrativa. Em certos casos, até se consegue o recurso necessário para determinadas ações mas a burocracia é tão lenta e complicada que, na verdade, acaba sendo uma barreira tão grande que parece ter sido inventada para que as coisas não se façam, não andem.

Quero insistir, no entanto, que a escola que se quer não é uma questão de decretar pelo Diário Oficial como será a escola, mesmo porque isto, além de ser uma postura autoritária, em nada garante que a escola será melhor. Mudar a escola na direção que esta administração deseja implica um trabalho profundo e sério com os educadores, que tem a ver com a questão ideológica, com o assumir compromisso, com a qualificação dos profissionais e este caminho é, no meu entender, a dificuldade maior a transpor. Não considero, porém, que esta seja uma dificuldade intransponível.

2. *Quais as mudanças estruturais mais importantes introduzidas no modelo pedagógico das escolas municipais? Acha que foram suficientes?*

R — As mudanças estruturais mais importantes, até agora, introduzidas na escola, incidiram sobre a autonomia da escola. Com o restabelecimento do Regimento Comum das Escolas, aprovado pelo Conselho Estadual de Educação em 85 e cassado pela administração passada, os conselhos eleitos ao final de março deste ano passam a funcionar com caráter deliberativo. Cabe aos mesmos, principalmente, a aprovação do plano escolar e a elaboração do plano de ação orçamentária da escola. No sentido, ainda, de ampliar a participação nas decisões e ações, a Secretaria Municipal de Educação, com o apoio da União Municipal dos Estudantes Secunda-

da autonomia da escola foi o de permitir no seio da escola a gestão de projetos pedagógicos próprios que, com o apoio da administração, possam acelerar a mudança da escola. Considero que tais mudanças, apesar do avanço representado, são apenas o início do que imagino que deve ser a mudança da escola.

3. *O Sr. é adepto da formação permanente do professor. Quais os programas de treinamento e atualização dos professores que já foram concretizados?*

R — Nesta Administração, um dos programas prioritários em que estou profundamente empenhado é o de formação permanente dos educadores, por entender que os educadores necessitam de uma prática político-pedagógica séria e competente que responda à nova fisionomia da escola que se busca construir.

Seis são os princípios básicos do programa de formação de educadores desta Secretaria:

01. O educador é o sujeito de sua prática cumprindo a ele criá-la e recriá-la.

02. A formação do educador deve instrumentalizá-lo para que ele crie e recrie a sua prática através da reflexão sobre o seu cotidiano.

03. A formação do educador deve ser constante, sistematizada, porque a prática se faz e se refaz.

04. A prática pedagógica requer a compreensão da própria gênese do conhecimento, ou seja, de como se dá o processo de conhecer.

05. O programa de formação de educadores é condição para o processo de reorientação curricular da escola.

06. O programa de formação de educadores terá como eixos básicos:

— a fisionomia da escola que se quer, enquanto horizonte da nova proposta pedagógica;

— a necessidade de suprir elementos de formação básica aos educadores nas diferentes áreas do conhecimento humano;

— a apropriação, pelos educadores, dos avanços científicos do conhecimento humano que possam contribuir para a qualidade da escola que se quer.

Este programa assume múltiplas e variadas formas. Será privilegiada a formação que se faz no âmbito da própria escola, com pequenos grupos de educadores ou com grupos ampliados, resultantes do agrupamento das escolas próximas. Este trabalho consiste no acompanhamento da ação — reflexão — ação dos educadores que atuam nas escolas; envolvem a explicitação e análise da prática pedagógica, levantamento de temas de análise da prática que requerem fundamentação teórica e a re-análise da prática pedagógica, considerando a reflexão sobre a prática e a reflexão teórica.

Várias ações já foram concretizadas. Destaco o trabalho sistemático dos grupos de formação com educadores da educação infantil e com coordenadores, diretores e professores que trabalham com alfabetização. Já foram desenvolvidas ações de formação com coordenadores pedagógicos no sistema. Tive o empenho de me encontrar pessoalmente com educadores (diretores, coordenadores pedagógicos e com todas as professoras de grandes áreas da cidade (Zona Sul e Zona Norte) para explicitação da política pedagógica desta gestão.

4. *O Sr. se propôs a buscar nas universidades o apoio, sem oneração do Município, dos professores ao projeto educacional da Prefeitura. Quais as adesões já conseguidas e qual a colaboração específica que estão prestando?*

R — Logo no início desta gestão, comeci a trabalhar com equipes de professores universitários de diferentes áreas do conhecimento que convidei para discutir as propostas de mudança da escola.

Entendo que a universidade tem uma responsabilidade social a cumprir junto aos demais graus de ensino e uma contribuição fundamental a dar no que diz respeito à compreensão do conhecimento, às perspectivas de avanço nas diferentes dimensões do conhecimento, bem como nas questões de formação dos profissionais que atuam nas redes de ensino.

Considero, também, que a aproximação da universidade com a escola permite que a própria universidade se aproprie de um conhecimento da realidade que a fará repensar o seu ensino e a sua pesquisa.

Em síntese, considero que este intercâmbio é saudável tanto à universidade quanto à rede de ensino municipal. O encontro com os reitores da PUC-SP, USP e UNICAMP foi extremamente profícuo. Ao lado de uma calorosa acolhida e de uma afinidade quanto às intenções de intercâmbio, pudemos contar com os profissionais destas universidades que trabalharam, até o momento, junto às equipes da Secretaria, especificamente na Comissão de Reorientação Curricular, participando na preparação do Movimento de Reorientação

INSTITUTO PAULO FREIRE

Rua Cerro Corá, 550 2.º andar cj. 22

Tel. (11) 3021-5536 Fax: (11) 3021-5589

05061-100 - São Paulo - SP - Brasil

E-mail: ipf@paulofreire.org